

Visão sistêmica como base para Práticas Restaurativas

Prof. PhD. Marcelo L. Pelizzoli (www.ufpe.br/edr) (Instagram: marcelo.pelizzoli)

Este artigo convida a uma conjunção, com foco nos fundamentos para compreender e melhor operar com a dimensão dos processos circulares, dentro do que chamo de *tecnologias psicossociais* e *sistêmicas*. O caso especial aqui é a visão sistêmica em confluência com o Círculo Restaurativo – ápice da Prática Restaurativa. As reflexões iniciam com as bases da Teoria de Sistemas; depois, uma passagem pela visão de Campo e pelas Inteligências Coletivas ou sistêmicas, para então explorar a díade *conflito e paz* a partir do olhar da Constelação Familiar/Sistêmica. A tarefa do leitor é perceber e unir os laços e possibilidades destas reflexões, tanto quanto buscar aprofundamento de temas tão complexos quanto interessantes.

Reflexões básicas sobre Sistemas

O que *caracteriza* um sistema é o equilíbrio dinâmico; de outro modo, a **homeostase**, mas igualmente a **entropia** e a **criação** (Bertalanffy, 2012). Como exemplo: uma família envelhece, outra é formada, assim como o corpo de cada pessoa sofre entropia, e o corpo gerado no filho é uma renovação. A todo tempo o indivíduo enfrenta-se com necessidades e realidades desafiadoras, sofrendo o ambiente e adaptando-se continuamente como pode (tendendo à *homeostase*), guiada pela coesão (energia do grupo, globalidade). Com o tempo, desgasta-se (*entropia*), até haver mudanças radicais ou mortes. E neste tempo mesmo de desequilíbrio e reequilíbrio, a vida tende a criar novas possibilidades, relações, novos filhos, criatividade, num tipo de reprodução de si e continuidade (*criação*) que ultrapassa o indivíduo. Em todos os momentos tratam-se de relações (e *conflitos*), na vivência e qualidade das relações, movidas pelo que se pode chamar de *energia*, bioenergia, base do movimento e da transformação, da vida, correlata à matéria.

O **sistema** pode ser visto como um agregado ligado por atração, busca de complementaridade e geração. Mas caracteriza-se, antes de tudo, pelo movimento puro, e tende à multiplicidade de identidades e, se assim é, caracteriza-se pela organização e pelo fluxo da energia constante. Os sistemas são também os antigos e novos nomes dos elementos ou indivíduos. E são mais que conjunto orgânico ou organismo contendo elementos agregados. São a forma como os indivíduos se organizam, são o dentro e fora consentâneos. O todo influencia as partes, e as partes influenciam o todo. O que significa dizer: se mudo algo em mim, influencio o ambiente com tal mudança. E se o ambiente muda, a tendência é que eu o acompanhe, ou sofra as consequências dele – o que vai nos remeter à noção de Campo. A díade expansão e contração, opostos complementares, são expressões básicas que estão na origem do movimento, da mudança; portanto, são formas básicas do comportamento da energia, tal como o positivo e o negativo.

Propriamente, a energia, tanto quanto a matéria correlata a ela, é de difícil definição; chama-se simplesmente de *força*, que (com)põe a realidade em movimento. A energia não está fora do sistema vindo a ele num segundo momento. Nada é estático. Mesmo o conceito de vazio ou vacuidade é compreendido apenas em relação a conteúdos. “Forma e vazio são um e o mesmo”, diz o Sutra do Diamante (Prajnaparamita), texto da filosofia budista. Hoje, depois de Einstein, sabemos pela física que matéria e energia são intercambiáveis, são faces de uma mesma moeda, são manifestações ou expressões da energia primordial que permeia o universo.

De fato, um sistema existe em continuidade com seu ambiente, e ali encontra seus limites e possibilidades. Quanto maior o sistema, mais alargam-se seus limites, o que por outro lado o expõe mais às diversidades de mudanças presentes. Os sistemas vivos são, por estas características elencadas antes, abertos, em intercambio contínuo com a realidade das relações e do tempo. Mesmo que um sistema queira proteger-se, evitar a mudança, paralisar-se no tempo, não consegue, pois o fluxo energético que atravessa o sistema, como a alteridade que habita a vida, coloca tudo sob o jugo do tempo. É por isto que toda ideia, todo dogma, todo império, todo sistema econômico, muda e sempre mudará, passando por alterações lentas e picos delas nas chamadas revoluções (Kuhn, 2003)

Sistemas altamente entrópicos tendem a desaparecer mais rapidamente (Evelin, *apud* Chiavenatto, 1999). Bom exemplo são as crises crescentes pelas quais passamos no planeta e como elas têm levado a situações caóticas, produzindo rupturas ecossistêmicas, organizadas ou não; disto decorre que iremos passar por grandes mudanças, e tendo que deixar muita coisa do passado insustentável para trás, sob risco de não sobrevivermos. Já os sistemas altamente homeostáticos *sofrem transformações estruturais na mesma medida em que o contexto sobre transformações, ambos atuam como condicionantes do nível de evolução* (Idem).

Se for preciso resumir as **propriedades dos sistemas**, na esteira de Bertalanfy (2012), teremos que citar: Entropia; Homeostase; Permeabilidade; Interações com o meio; Centralização e descentralização; Adaptabilidade; Manutenção; Estabilidade; Harmonia; Otimização e sub-otimização; Êxito.

Não cabe para o momento a explicação biológica de cada propriedade, mas que o leitor perceba a ligação dos aspectos biológicos de funcionamento (não determinístico) básico da vida com a estruturação do sistema familiar bem como do sistema social – mais ainda no caso de relações e conflitos mais próximos, como nas ações de ligação amorosa ou mesmo violenta, os quais formam um tipo intenso de sistema entre os envolvidos.

Já na dimensão das características do Pensamento Sistêmico, podemos também resumir¹

¹ <http://pt.slideshare.net/inclusao.eficiente/6-pensamento-sistmico?related=1>

- 1- Das Partes para o todo
- 2- Dos objetos para os relacionamentos
- 3- Das hierarquias para redes
- 4- Da casualidade linear para a circularidade
- 5- Da Estrutura para o processo
- 6- Da metáfora mecânica para metáfora do organismo e vivo e outras não-mecânicas
- 7- Do conhecimento objetivo para o conhecimento contextual e epistêmico
- 8- Da verdade para as descrições aproximadas
- 9- Da quantidade para qualidade
- 10- Do controle para cooperação, influência e ação não-violenta.

Adiante-se que quando falarmos no Círculo Restaurativo, tais características poderão ser percebidas por baixo dos conceitos que são aí associados, pois nele se trata de uma tecnologia sistêmica, com destaque especial para o conceito de Campo.

Um pouco da visão sistêmica de Campo

O olhar convencional e cartesiano nos condicionou a olhar o mundo na forma de objetos individualizados e separados, como entes que não são construídos a partir de contextos, referências, multicausalidades, enfim, *relações e processos* (Pelizzoli, 2013). De igual modo, exclui-se o papel do observador e como ele carrega consigo um conjunto de condicionamentos e modos de relações/olhares. Já a visão sistêmica aponta para a integração de fatores e processos, numa interdependência complexa, e coemergência na relação de conhecimento e ação sobre o mundo; tal olhar é presentificado na noção de **campo**. Habitamos um campo comum, seja ele tomado fisicamente, magneticamente, energeticamente, ou psiquicamente. Para aprofundar melhor este olhar em termos biológicos cabe ler especialmente as obras de Rupert Sheldrake. Este biólogo cunhou a ideia atual de *campos mórficos*, ou de ressonância, um tipo de interação de conjunto. É como se houvesse uma memória comum e relativamente acessível dentro de determinados campos de forças ou relações. Um tipo de mente ampliada (*extended mind*). É útil lembrar aqui como os animais e o homem também têm o que chamamos de instinto para saber lidar - de modo "intuitivo" - com os desafios do ambiente; nosso corpo - natureza - "já sabe" de muitas coisas, e não sabemos por vezes de onde vem este saber. Uma criança ou bebê desenvolve capacidades e disposições familiares, sociais e de inteligência em geral de uma forma extremamente rápida, e quase que automaticamente, na relação com o campo familiar, trazendo igualmente capacidades instintivas e reflexos primitivos, tais como mergulhar, assimilar quedas, agarrar, sugar, conexão com a mãe etc. A relação intrínseca entre plantas e animais, o próprio uso

inteligente das plantas, a relação com o clima, sem falar de disposições como a intuição, são algumas das demonstrações de que há um campo que ressoa coletivamente².

Na constelação familiar sistêmica (Hellinger, 2011), mais especificamente, é um campo com um conjunto emergente de imagens que se busca deixar aparecer e atuar. Dentro dele, o passado e os mortos também atuam, na medida em que não são apenas objetos num mundo físico que já passaram, mas participam de uma dimensão psíquica e energética (e genética), dentro da *psique* dos vivos. Não se trata aqui de crenças, mas de formular inovadoramente classificações e nomes para fenômenos naturais, ou seja, tentar levar à ciência fenômenos que se apresentam de modo complexo (encadeados), e têm certos acessos e usos há muito tempo na humanidade.

Se pensarmos em termos de Campo, veremos que ali deve haver um tipo de homeostase, ou seja, de equilíbrio dinâmico, e portanto algum tipo de ordem, manutenção. Na questão familiar, as Constelações Familiares falam em “ordens do amor”, do dar e receber, dos bloqueios e dos fluxos que visam adequar-se ao campo familiar criado. Quando formamos uma nova família, abrimos um outro campo que interage com campos anteriores de cada uma das pessoas. Nestes campos existem marcas da vida e da morte. Assim, podemos pensar sobre a dimensão do rejeitado e da cultura de paz. Rejeitar, excluir, traz sempre algum desequilíbrio num campo. (Hellinger, 2011; Pelizzoli, 2010)

O Campo das relações humanas e seus sofrimentos – em que muitas vezes a configuração emocional ou a energia que as regem é negada pelas dimensões de proteção ou desequilíbrio do indivíduo (ego) – pode fazer-se presente quando *abrimos espaço* para tal. Ou quando se rompe (e irrompe) algo através de sintomas - em geral dolorosos, como doenças por exemplo, as quais falam do modo de vida do sujeito. Aquilo que lateja e incomoda, ou exige reequilíbrio, e que habitava numa dimensão que não estava sendo vista, acaba por fazer-se fenômeno, vir à luz, fazer efeito. O fluxo da vida busca caminhos e ressignificações constantemente.

Sabemos também do efeito dos lugares, dos climas físicos sobre nossa saúde, e sabemos, mesmo que com menor conhecimento, dos efeitos dos climas emocionais e energéticos sobre nosso comportamento, estado de ânimo, emoções e até sobre o que pensamos. Aí dentro inclui-se o que a filosofia hindu vai chamar de “carma”, ou seja, marcas mentais coladas a ações, pensamentos e emoções, que se reproduzem e seguem no tempo através das *repetições*. “Bater na mesma tecla; já vi esta história antes”. Carma tem justamente esta ideia de ação como reação, em geral com perda de liberdade e flexibilidade, perda de amplitude, de novidade e alteridade. Aí, impõe-se silenciosamente uma responsividade e automatismo do já conhecido, familiar, mas não meditado; falta liberdade autêntica.

O outro é um bom espelho. O espelho está dentro de uma integração, estranha e não

² Cf. Shelldrake, 1994.

notável por vezes, algo de que fazemos parte, mas que muitas vezes não percebemos pois olhamos as coisas de modo muito individualizado e separado, sem interdependência; falta a integração sistêmica vista na noção de **campo**. Habitamos em campos comuns, seja ele pensado fisicamente, magneticamente, energeticamente, psiquicamente. Após um crime, por exemplo, Vítima e Agressor estão unidos por laços para além dos aspectos legais e visíveis; fazem parte agora da história da família um do outro.

Tomando os acontecimentos, quando ocorre aumento de criminalidade numa sociedade, não devemos encarar isto a partir de fatos pontuais e causalidades isoladas. Não apenas as causas são sistêmicas (uma sociedade assentada na injustiça, desigualdade econômica e exclusão do pobre etc.), mas os efeitos o são, ou seja, há uma mútua reverberação entre causas e efeitos, assim como entre “criminosos” e não criminosos. O que ocorre dentro de um sistema tem interdependência: conjunturas de violência e instabilidade, manifestadas em tensões, em medos, em neuroses sociais, em repressões e efeitos sociais deletérios, os quais reverberam dentro de uma rede, rede social. Do indivíduo à família, da família à sociedade, grupos, estados, países. Acrescente-se aí o elemento intrínseco do humano conectado aos seres não-humanos, numa rede comum, a rede *ecológica*, que por ora não podemos aprofundar³.

Como reação negativa, pode-se matar o outro, excluir uma comunidade inteira, como quem extrai elementos da natureza como recursos naturais, bens; mas o preço sistêmico é evidente a cada dia - *os descendentes sentiram o amargo das ervas perigosas que os antepassados ingeriram*. Na alma das pessoas, na psique, ficam dívidas e marcas que, muitas vezes, não sabemos bem quais e nem de onde vem e como se sustentam. “Por isso, toda tentativa de excluir uma pessoa ou de livra-se dela são fadadas ao fracasso.” (Hellinger, 2011, p. 17). Quanto mais se busca exterminar o Outro, mais a sua alteridade/exclusão atua (dívida) sobre o nosso sistema de relações. Surgem assim, como efeitos, os boicotes, os fracassos, efeitos colaterais futuros. O reprimido retorna, diz Freud; e reclama um lugar adequado, diz Hellinger; é a teia viva das relações e suas energias efetuais. É este modelo de interdependência que estamos aplicando agora ao campo social, à cultura de paz. Já o filósofo W. Benjamin diria que o reprimido está sempre lá, dentro dos restos da História, mas que atua em silêncio no hoje e no futuro clamando por redenção, por *justiça*. Há uma tendência de Rede a um tipo de equilíbrio, compensação, retorno a uma ordem nova.

Inteligências coletivas/sistêmicas⁴ como base para superação da violência

³ Cf. Pelizzoli, M.L. *Ética e meio Ambiente*. Vozes, 2013.

⁴ O conceito de *inteligência coletiva* tem uma história longa, que poderia remontar a Platão quando fala em pampsiquismo, uma mente comum na natureza/vida; mais tarde a Durkheim, que toca em uma representação coletiva que se origina nas comunidades a partir de uma semiologia comum a todos; mais tarde e especificamente, na sociobiologia e na ciência política, chegando às dimensões organizacionais. Na área informacional temos o livro *Inteligência Coletiva*, de Pierre Levy (Loyola, 2007) O termo inteligência sistêmica é utilizado recentemente já na área empresarial e organizacional; por outro lado, temos também a Constelação Familiar Sistêmica, vinda de B. Hellinger.

É com o olhar de Campo que devemos entrar no tema da violência, e da justiça, pois amplia consideravelmente a compreensão; além do mais, epistemologicamente, traz uma mudança de paradigma do moderno ao contemporâneo.

Na dimensão social, temos uma pergunta recorrente: Como superar a violência? Num sentido total, não cabe idealizar e pressupor que ela se dissolva totalmente, até porque a agressividade e o conflito fazem parte da vida social e da dimensão de interesses e identidades, e tais dimensões potencializam a violência; o que se busca é diminuir os graus de violência, neutralizar e reparar os malfeitos. Mas, ao mesmo tempo em que a violência é *pontual*, é também *estrutural*, como apontam autores da dimensão política ou sociológica. Indo além, é necessário trabalhar com as dimensões de violência mais profundas, como a **sistêmica** (e também a psicológica) que tem a ver com os desafios da Sombra e de ordem psicossocial e cognitivo-emocional. As análises da violência estrutural não têm visto bem esse nível (psicossocial), que é a base de motivação dos sujeitos. O aspecto da dimensão sistêmica traz a percepção de que nós estamos (somos) vivos porque existe simbiose, conexão (e em grau último: atração, amor), porque existe a doação/troca, e isso, muitas vezes, não é contabilizado, até porque a violência chama muito a atenção. Estamos vivos porque há dar e receber, solidariedade e conexão; as comunidades humanas estão constantemente operando com *inteligências coletivas*, que são meios criativos de sustentação, agregação, manutenção social, intervenção coletiva, e que fazem com que possamos estar aqui e sobreviver. Quando elas fracassam, é algo como um estado de exceção ou de guerra.

As *instituições* em geral são criadas com esta motivação, como o hospital, a escola, a igreja, em cima da dimensão da solidariedade, valores, conexão dos sujeitos para que possam coexistir no mundo. Qual a “boa nova” trazida pela Cultura de Paz Restaurativa? Não se precisa inventar a roda, mas trabalhar com inteligências comunitárias/sistêmicas, propiciando às pessoas tenderem à pacificação desejada, ao resgate, à reparação, a uma nova vida social, porque é isso que nós portamos ontológica e constitutivamente. Não se trata de uma criação artificial, mas de acessar inteligências eficazes, as fontes de onde vertem os empreendimentos coletivos, os mesmos que fazem, por exemplo, funcionar um empreendimento social ou grupo; é uma inteligência coletiva que a gestiona, mais do que o dinheiro; os empreendimentos funcionam porque têm um alto grau de envolvimento de energias humanas.

A *solidariedade* é uma inteligência coletiva das comunidades, das religiões, das famílias; quando ela é rompida, isso é sentido como ameaça, e há uma busca por reparar e recriar os laços para retomar o equilíbrio dessa inteligência; isso é algo que movimenta as ações sociais, de vizinhança, colaborativas, associativas. A restauração, o Círculo de encontro, são constructos de inteligência coletiva, os quais buscam resgatar sujeitos que sofrem com algo ou sujeitos que erram; resgatar o sujeito e evidenciar para aquela micro-comunidade ou grupo o nível de desagregação presente - a ponto de um de seus membros agir de modo danoso.

Mas, por que há tendências positivas neste sentido/direção? Segundo filósofos indianos

como R. Tagore e J. Krishnamurti, a vida intenciona a **alegria**. Alegria não é apenas algo pessoal e sentimental que diz *eu estou alegre*; alegria é expansão vital; tem a ver com o que Jung apontava como sentido/orientação principal da vida, a saber, o *crescimento*. Crescer faz sentir-se adequado em meio à (em superação da) desadequação; é o bem da vida, é satisfação existencial mesmo tendo algum sofrimento. Sob opressão, eu não cresço bem; se eu sofro violências constantes, isso bloqueia meu crescimento. Crescimento tem certa ligação com o que Freud chamava de *prazer*; prazer, neste sentido, é um índice de adequação da vida animal e social; também ocorre quando o sujeito participa de uma inteligência coletiva positiva, cada um no seu papel, e todos crescem, fazendo aquilo que é adequado e bom para si e para outrem.

Estas disposições e valores, no Paradigma Restaurativo e da Cultura de Paz, estão subjacentes. No contexto da justiça, quanto ao sujeito da ação negativa, cabe lembrar que ele quer a felicidade (como dizia Aristóteles e também Buda); como todos os outros, ele quer escapar do sofrimento. Por exemplo, junto ao tênis que foi roubado há uma simbologia, uma aceitação social, por onde um jovem pode ser visto e reconhecido; muito frequentemente é assim nos casos da infração juvenil. Deste modo, começamos a ver as necessidades por trás das ações, e o que aquele sujeito quer por trás do ato. No encontro, no Círculo, quando a família se faz presente, ele vai em geral sentir a inadequação da ação danosa, e vai sentir que talvez faltou aquilo na família, houve rupturas do fluxo adequado da vida, da alegria, da satisfação, do prazer, e isto potencializa ações negativas.

As inteligências coletivas geram novos *paradigmas*, como a filosofia prática da Justiça Restaurativa, tanto quanto as Constelações Familiares, ou a Comunicação Não Violenta; e o geram como patamar de mudança de teorias e de práticas em um determinado tempo. Elas fazem parte do *Zeitgeist*, o espírito e a vanguarda de um tempo; em geral, acabam por encontrar oposições e posições acomodadas - fato explicado por Kuhn referente aos períodos de mudança/revolução, em vista de que muitas vezes o tempo não está preparado para as mudanças necessárias⁵. Muitos respondem à crise com reacionarismo, conservadorismo, autoritarismo, fundamentalismo, ou então, com artificialismo, futurismo tecnológico, maior objetificação, na tentativa de acirrar o *controle* social. Não obstante, o tempo passa por cima de todas as fixações, bem como a natureza não se deixa de fato dobrar ao controle tecnológico humano.

São as inteligências sistêmicas que geram as **tecnologias psicossociais** – como meios hábeis, métodos e movimentos em torno do resgate, da promoção e transformação dos sujeitos na busca de sua emancipação, cura, reconexão, criação coletiva. É um fato interessante e positivo que elas não tenham propriamente um dono. Um bom exemplo são as contribuições da psicanálise de um autor do porte de Freud. Por mais que se saiba de sua pesquisa pessoal e sua genialidade, há um histórico que o compõe sem o qual não haveria Freud e seus escritos; e se não houvesse Freud a constituir algo como a Psicanálise, alguém apareceria neste papel, tanto que ela tem vários seguidores recriadores com nuances diferentes do pai. As inteligências

5 PIM, apud Pelizzoli, 2009.

coletivas operam principalmente em momentos de crise e de criatividade necessária para resolver problemas humanos substanciais; do mesmo modo, um ser vivo na natureza evolui, muda e adapta-se para sobreviver. A Justiça Restaurativa mostra-se como uma potente inteligência coletiva, e tem no diálogo autêntico o seu ápice; além do mais, compõe um paradigma evolutivo necessário ao modelo de Justiça vigente.

Sistema exclusão-inclusão no nível social

O ser humano é parte do todo, por nós chamado de universo. Nós vivenciamos a nós mesmos, pensamentos e sentimentos, separados do resto – uma espécie de ilusão de ótica de nossa consciência. A nossa tarefa deve ser nos libertarmos dessa prisão, ampliando nosso círculo de compaixão, para abraçar as criaturas vivas e a natureza inteira (A. Einstein)

Um dos pontos-chave que consideramos na compreensão dos processos circulares e da cultura restaurativa e de paz é a percepção profunda do que rege o funcionamento do âmbito social. Para isto, deveríamos ler autores como Marcel Moss (teoria da dádiva e trocas sociais), os nomes ligados à Justiça Restaurativas aqui citados, e ainda H-G. Gadamer, H. Maturana, J. Piaget, N. Luhmann (e antes, G. Simmel), B. Hellinger e outros. Na base da manutenção do humano está o ambiente, neste o social ou sociabilidade, e aí um sistema de inclusão e exclusão em movimento. No caso humano, *sociedade* é um sistema de trocas de variadas ordens (material, afetiva, simbólica, de trabalho, partilhas, coletividades...) regida por equilíbrios dinâmicos, entre dar e receber, entre ações e responsabilidades, entre ações de um indivíduo e o que isto significa dentro de seu sistema familiar, grupos e do ambiente em geral.

Justiça é o pressuposto básico de manutenção de ordens estabelecidas para o funcionamento dos animais humanos em seus grupos dinâmicos. Os grupos, como bem mostrou Zehr (2008) desenvolveram seus modelos de justiça (chamados de tradicionais) para a administração da vida relacional coletiva dentro de suas interações e conflitos sociais, simbólicas, culturais. Tais modelos, aos olhos de muitos, tinham visões arcaizantes ou mesmo estranhas ao Direito moderno; mas tinham modos surpreendentes de resolver seus conflitos. Uma das concepções mais significativas por baixo destas formas é a visão de que o simples distanciamento e a exclusão não responsável de um membro do grupo traz desequilíbrios e instabilidade para a comunidade. Um malfeito pode reverberar sistemicamente por longo tempo, se não for reequilibrado, se não for reparado, responsabilizado, “curado” de alguma forma. O tecido social rompido precisa ser costurado constantemente. Rasgar um pedaço do corpo e jogá-lo fora, na maioria das vezes, não resolverá o problema de base. Em relação principalmente às comunidades indígenas, pode-se resgatar um modelo reparativo de danos sempre em referência aos familiares e à comunidade envolvida no ato. Tem-se daí a base social sistêmica para a ideia de justiça, que é a própria manutenção do equilíbrio dinâmico da sociedade como relação, dar e receber, atuar e responder por atos e omissões.

Um dos métodos psicológicos que temos usado em dimensões sociais e que hauriu o mais fundo desta visão de interdependência é a *Terapia Familiar Sistêmica*, ou Constelações Familiares, na matriz de B. Hellinger. Quando efetiva, ela consegue acessar as faltas, as exclusões ocorridas num contexto familiar e intergeracional que traz obstáculos à vida presente do indivíduo e sua família ou grupo. De modo semelhante, os Círculos de Cuidado, Diálogo, Paz, quando conduzidos nesta direção, podem *abrir* o espaço de interioridade relacional e emocional em que se situam causas básicas dos malfeitos e danos ao sistema, o qual tem como força de movimento e conexão o que se chama de *amor* (o filósofo Heráclito diria força de atração e força de repulsão). O sistema opera constantemente em meio a forças de atração (união) e repulsão (exclusão). O sistema familiar é regido por forças maiores que os indivíduos, tais como os sistemas sociais em geral, em diferentes graus de pertença e intensidade⁶.

Certamente, houve e há modelos de *justiça* que atuavam com base no balanço do “olho por olho, dente por dente”, que também busca reequilíbrios sociais. Mas na percepção sistêmica e da Justiça Restaurativa (em especial os Processos Circulares) criou-se ao longo do tempo uma forma evoluída e otimizada de manutenção social ou justiça. Nesta, o indivíduo responde ao todo ao qual pertence – e *pertença* é uma das palavras-chave aí – no nível das obrigações e responsabilidades inter-humanas em primeiro lugar, e não em termos de referência à legalidade formal. Responde-se diante do clã dos mais velhos, responde-se diante da família da vítima, bem como diante da instabilidade de sua própria família e companheiros; responde-se de fato, pelo que foi feito e pelo que há de se fazer desde então. Por sua vez, reconhece-se o malfeito como ferindo pessoas e sistemas - não algo frio e impessoal, mas instaurado no nível dos compromissos (laços) afetivos e de sentido social de vida das pessoas, que pertencem a um grupo de convivência.

Tal como na natureza, os animais humanos estruturam-se intrinsecamente com seus ambientes, fato bem compreendido quando se tem conhecimento do que é um Ecossistema ou quando se tem a noção intergeracional familiar. Na pragmática da *Terapia Sistêmica Fenomenológica* (Constelações Familiares), é surpreendente e ao mesmo tempo misterioso para o leigo dar-se conta de que uma exclusão (assassinato, perdas, abandono, suicídio, psicose etc.) move uma causalidade não apenas linear/simples, e na mesma geração familiar, mas complexa e que segue para a geração seguinte, sendo motivação de comportamentos negativos e repetições de problemas emocionais vindos de antes, vindos de movimentos/marcas que ficaram do sistema-grupo. Há uma teia de interligações que não se compreende numa visão epistemológica cartesiana, em causalidade simples, mas por complexidade e interdependência, que são melhor sentidas e vividas como efeito de atos anteriores e que afetam o sistema – grupo, família, ambiente. As crianças, em especial, são muito sensíveis ao que aconteceu anteriormente num ambiente, e a que tipo de energia emocional circula no grupo. Mas, positivamente, há formas de lidar com tais impactos sistêmicos, de rede, focadas no círculo familiar, tribal, terapêutico, dialogal,

6 Sobre isto, veja as obras de Bert Hellinger.

seja como for; pode-se ter um acesso privilegiado ao que ocorre, a memória e a energia presente ligada ao que ocorreu, imagens e palavras que têm força latente de (des)conexão, as exclusões dolorosas e a possível recomposição de inclusões renovadoras que tendem a reequilibrar os danos, por meio de reconhecimento, encontro, diálogo, a partir de uma nova ordem mais adequada de convivência.

II - Paz e conflito na visão sistêmico-fenomenológica – constelações familiares e sociais

Pretendemos neste ponto, organizar o texto para responder às seguintes questões que se colocam como orientação:

- 1 – O que motiva, no fundo, o conflito?
- 2 – O que significa deslocar a vontade de extermínio?
- 3 – Qual é o efeito da vingança envolvido no conflito?
- 4 – O que é a boa consciência e seus efeitos ocultos ?
- 5 – Que relação tem o conflito com o Novo, alteridade ?
- 6 – O que significa “internalizar o rejeitado”?
- 7 – O que é o Campo (e suas relações com a consciência)?
- 8 – Como se pode pensar, nestes contextos, a Paz?
- 9 – O que é paz interior?
- 10 – Como então promover Paz?

Numa análise mais interativa da violência podemos dizer que por trás dos conflitos dolorosos rege uma vontade de sobreviver, como um dos seus elementos mais importantes. Para Levinas, isto seria dito como *conatus essendi*, ou seja, a força que nos motiva para afirmar nosso ser, auto-afirmação do ego, espalhando nossa existência pessoal e buscando seu lugar no mundo, com proteção, recursos, posses etc. Tal vontade, como aponta também Hellinger, é a que pode alimentar, infelizmente, a chamada “vontade de extermínio”. A agressão como violência, em geral, tem o sentido de retirar os obstáculos do caminho, de liquidar os impedimentos; ou então, de incorporar e apropriar-se do outro, e de sua alteridade própria. Há como que um “canibalismo” velado ainda hoje nas sociedades; por exemplo, há grupos que vivem e enriquecem em cima da doença alheia, e o fazem tentando perpetuá-la; ou grupos que são como que “papa-defuntos” de prontidão; há grupos que vivem da dor do outro, da sua ingenuidade, da sua solidão, medo da velhice, fragilidade, falta de confiança em si e na vida. Há verdadeiros vendilhões dos templos e de *shoppings* crescentes que vendem felicidade artificial e rápida, feito *fast food*, *fast happy*. Já em relação aos seres **não** humanos, a crueldade, a indiferença, a dilapidação e extermínio são alarmantes, sendo outro sintoma claro da vontade de subsumir ou matar que habita sutilmente as mentes e emoções, mesmo religiosas, moralistas, ou econômicas.

Continuando o argumento, apoiado em Hellinger (2007), sabemos que o conflito

doloroso/negativo⁷ pode levar a situações de desagregação social graves; é por isto que as sociedades buscam recursos, meios de pacificação, de resolução, acordos, definição de fronteiras geopolíticas, apoiadas na legislação e jurisdição; e temos assim o “estado de direito”. Portanto, a representação jurídica busca manter os conflitos dentro de certos limites (cf. Hellinger, p. 14). Daí o papel essencial do Estado e seus aparelhos, papel este que pode deslizar quando corrompido por setores que não visam o bem comum. Esta é, contudo, uma ordem que se estabelece do *exterior* e que, como diria Hobbes, baseia-se no medo, na coerção, no policiamento, na força. Ela é até útil, mas frágil, pois é externa ao núcleo da vivência ou ao ambiente gerador das violações e “desordens”. Há, é claro, o ideal de “internalizar a norma”, tão ditado no Direito; mas percebe-se logo que se faz necessária surgir uma outra instância para dar contas da violação e da vontade de consumir e combater a *alteridade*, o Outro.

Freud (2009) confirmaria que é necessária a pressão social, a coesão e coerção de um poder maior e agregador, visto que a sombra e agressividade que habitam o animal humano são enormes. Hellinger seguirá ponderando que a *vontade de extermínio* (nossa questão 2) não se apaga facilmente, pois é mais encarnada do que pensamos, está como que anterior à Razão dominante. O que costuma ocorrer com ela, de fato, são deslocamentos; ela pode estar habitando áreas diversas, como por exemplo a política, ou momentos e instâncias onde a competição se instaura, e a necessidade de vencer se acirra. Como sabemos, não é incomum ver manifestações de agressão e violação do outro, impaciência e ofensas, calúnias, mágoas, raiva expressa de diversos modos, algo sutil ou grosseiro, de modo adulto ou infantil, em grupos políticos, acadêmicos, no mundo empresarial, entre outros. A destruição moral do outro é um ponto claro da vontade de afirmação de si e de extermínio do Outro (de sua alteridade), portanto, de sua dignidade.

Tal situação, como que por contágio, tão encarnada na dimensão social, é praticamente inescapável ao indivíduo urbano que somos. O perigo é constante, e por vezes nos encontramos à beira de ser atacado e de responder com ataque, renovadamente, a perpetuar assim o que chamamos de *reverberação de violência*. “Violência gera violência”, chavão a considerar seriamente. Uma vontade atíca a outra, e esta outra poderá sentir-se justificada para um ataque pois ela foi (e se “sente”) atacada; mas o que pode estar ocorrendo, na verdade, é uma nova possibilidade ou válvula de escape para a violência que habita a todos eles (nós). É preciso perceber as correntes subterrâneas da exclusão, sofrimento, acopladas às emoções dolorosas e intensas como a raiva, medo e tristeza, as quais vão ser a base encarnada das ações violentas ou reativas – sem real percepção ou consciência (Pelizzoli, 2016)

Hellinger observa, contudo, que este não é o único motor da violência; o outro é gerado na própria necessidade de equilíbrio entre o dar e receber, ganhos e perdas. Alguns chamam isto de necessidade de *justiça*, fazer justiça, manter a balança equilibrada (cf. Hellinger, p. 15). De fato, a

7 Diferencio entre conflito no sentido positivo e o negativo, sendo o primeiro fruto da própria natureza da relação social e que leva a um aprendizado, tem elementos de resolução; o segundo é uma quebra e leva a reverberação oculta, maior, ou corrosiva – de violências. Faço isto inspirado na CNV, de M. Rosenberg.

justiça tem este sentido e escopo, na manutenção de uma rede de relações e conflitos, e, quando nos sentimos muito frustrados e feridos, em geral há um desequilíbrio neste processo, nesta estabilização da troca/inter-relação social. Caberia aqui lembrar da obra de Marcel Moss (e no Brasil, de Paulo Henrique Martins), que aborda profundamente pelo modo de rede o equilíbrio social, com a *teoria do dom*, da regulação entre dar e receber – aquilo que mantém a coesão social, unidade, e portanto uma possibilidade de “paz” entre os diferentes.

Veja-se que o uso da vingança (tanto quanto da punição) tem um sentido no viés da disciplina social. Não devemos olhá-la simplesmente como apenas nova violência abusiva, patológica e sem objetivo. Ela nasce neste contexto de (des)equilíbrio do dar e receber. A famosa Lei do Talião insere-se aí, “olho por olho, dente por dente”; ela contém uma vontade de equilíbrio, e pode ser interpretada também como tentativa de regulação dos danos, ou seja, dar igual retribuição no dano, e não a mais do que foi feito. Mas, enquanto vingança, tal ação traz consigo problemas intrínsecos, que são respostas de violência, e também o hábito de responsividade/reação, automatismo pouco refletido e não livre. A saber: quando em geral a reação é feita não como correção ética ou mesmo como consideração re-humanizante, mas motivada pela raiva e, por fim, pela vontade de extermínio. Quando na vingança se ultrapassa a necessidade de compensação, traz-se um novo problema ao conflito, e um novo desequilíbrio é trazido; há perda de fluidez e há deslocamentos de compensação. O outro poderá responder então na mesma moeda, do infligir dor. Neste ambiente, escorre pelas mãos o ideal maior de justiça e harmonia (cf. idem, 15).

Consideremos, pois, que a vingança, em geral, não é a melhor opção. Cedo ou tarde, trará consequências sistêmicas, basta ver as suas reverberações familiares, como ela permanece por mais de uma geração, mesmo quando não compreendemos mais sua causalidade inicial. As constelações familiares trabalham bem este problema; as dívidas e marcas carregadas inconscientemente pelos que herdaram a violência dos anteriores têm peso e aparecem; portanto, precisam ser cuidadas. Com isto respondemos à questão 3.

A quarta questão fala em **boa consciência**. Todos nós gostamos de ter e estar inseridos na boa consciência, ou seja, seguros da verdade, justificados, e assim poder julgar o certo e errado – mas a partir do *nosso mundo/olhar*. A posição de Hellinger para este ponto é mostrar que a própria boa consciência une-se também à vontade de extermínio. E é bastante plausível e interessante o argumento, perceber que quando julgamos o outro com nossos valores, quando o condenamos a partir de nosso patamar de *bons (nós X eles)*, o fazemos em geral em nome de nossa *família*, em nome de nosso grupo – ou seja, aquilo mesmo que assegura nossa sobrevivência e excita os ânimos – e excita a vontade de extermínio, de ataque como defesa ou como aumento de força e mesmo de poder (cf. idem, 15). A pergunta que se deve fazer, quando estamos tomados pelo orgulho, pela *nossa* ideia de justiça, pelo ímpeto de atacar é: esta consciência que nos guia, agora, é nossa de fato? É ela uma boa resposta ampla ao conflito? Temos já exemplos fartos de guerras santas pelo mundo afora, até dentro das famílias.

Isto nos lembra o **Bode expiatório**: a prática muito primitiva, antiga, do afastamento e até do sacrifício animal (e algumas vezes humano) para expiar peso e mal estar, pecado ou questões morais envolvidas num grupo ou família. O bode tem o papel de apaziguar o peso inconsciente; ele expia, sai, paga por todos. É uma saída criada no seio dos grupos para lidar com obstáculos de sociabilidade, com tabus e compensações, no nível simbólico, que de fato é fundamental no funcionamento de um grupo.

Torna-se muito difícil evitar violências quando um grupo ou uma pessoa está conduzida, ou até hipnotizada pela *boa consciência*, pelo “temos razão”, “meu líder” (mito).. Ele, aí dentro, pode linchar alguém, pode condenar, pode matar, e estará estabelecido ainda como bom, em nome do *nós*, ou até de Deus, da coesão e manutenção do núcleo de apoio. Muitos são os apelos que serviram de base para governos e políticas matadoras, como aquelas do *apartheid* nos EUA e na África, na morte dos inimigos do Estado ou da CIA, na morte de fome de milhares de pessoas com bloqueios econômicos; no terror e na “guerra contra o terror”. A violência e matança tem ocorrido apoiada até por grande parte das populações de estados democráticos. Como isto se justifica? Mortes nas TVs, videogames, cinema; incontáveis. Eis a boa consciência, amor à pátria, defesa nacional, proteção, segurança. Neste sentido, o diagnóstico de Hellinger é que, em geral, são vãs as tentativas de resolver grandes conflitos apelando para a “justiça” e para a boa consciência (cf. *idem*, 16).

Deste modo, podemos entender que a boa consciência pode gerar um zelo cego, sentimento exaltado em nome da inocência e vinculação ao próprio grupo que lhe dá *identidade* – e o apego à identidade é algo arraigado e perigoso, pois abre-se o caminho das violações. Indivíduos oferecem-se como sacrifício no altar de ídolos, tiranos, fanáticos, numa cegueira assassina, num delírio (cf. *idem*, 18). O indivíduo é engolido pela energia da massa, ou pela idolatria, ou coletividade anônima, por exemplo; pela exaltação e, com isto, os perigos desta superioridade e deste povo ou grupo ou burguesia - os eleitos - são enormes. Com isto respondemos à quarta questão.

A quinta questão liga-se novamente a tudo isto; toda consciência é consciência de um grupo, que tem hábitos e normas estabelecidas, modos de ser. E diante disso, quando o **Novo** surge, se apresenta em sua diferença, pode automaticamente representar ameaça.

Estamos de novo no coração dos desafios da *alteridade*. O desafio maior para os seres humanos talvez seja a real aceitação do outro. Teoricamente, ninguém nega que devemos nos aceitar, e ao menos ouvir o outro, mas, na prática, colocando a hipocrisia de lado (num difícil exercício), a tendência é muito forte em relação ao afastamento da alteridade. Fazer disso um aprendizado, o sabemos teoricamente e trata-se de um grande ideal. Mas como encarnar, como pôr corpo e *habitus* em tal empreitada, em tal ótica e ética? Aqui caberiam as várias motivações, disposições e terapêuticas citadas antes. Como flexibilizar e dar leveza à diferença que se me apresenta, e não a tomar como um peso? Em geral, o peso é apontado no âmbito externo, mas sentido no âmbito interno - incrustado no nosso modo de pensar e ver as pessoas, nas

“normalidades” que apoiamos, e assim encravado em nossas emoções. É nesta corrente emocional, mental, corporal – e sempre cultural – que grandes tradições terapêuticas e até espirituais convidam a trabalhar. Neste sentido, concordamos com autores como Dalai Lama (*Ética para o novo milênio*, por exemplo), de que a *paz interna* é fundamental, e que a grande revolução é algo espiritual, entendida aqui não como religião, mas como vivência de amor, bondade e compaixão básicos. Hellinger chegará a isto também pela *paz interior* e sistêmica, experimentada na “alma” pessoal-familiar de cada um, especialmente quando alguém se dispõe a uma “constelação familiar”, e um contexto terapêutico, o pode fazer a energia do amor circular adequadamente. O antigo, neste momento, parece casar-se com o novo. Tal tecnologia ou sabedoria humana não é artificial; ela pode de algum modo ser vivida em rodas de encontro, reconciliação, celebrações, círculos.

Enfim, abrir-se ao novo requer fluir com o tempo, com a natureza (com o Tao, diziam os taoístas), fluir no rio heraclíteano da vida, na realidade da impermanência, pois todos sabemos, lá no fundo, o que é estar exposto à mudança inexorável da vida, nas pequenas e grandes coisas. Se nossa mente se apega a algo, e se criamos imagens fixas de nós mesmos e do mundo, igualmente estático, para possuí-lo e assim possuir o outro, nosso sofrimento decorrente deste apego aumentará o sofrimento do entorno. Ele reverbera, volta-se para fora, insatisfeito. Portanto, lidar com o novo envolve cultivar sabedoria diante da impermanência, habilidade de ceder, de ver o outro lado, de saber perder, de saber deixar ir, pois a morte de cada dia e a morte final parece conter um grande ensinamento, mesmo que sentido como doloroso. De outro modo, a alegria vital pode atravessar o medo da morte. O bom humor diante da própria precariedade e das estratégias egoicas é fundamental.

A sexta questão que trago evoca a **internalização do rejeitado**. Como diz Hellinger, quando alguém sob o influxo da boa consciência rejeita alguém, uma outra instância psíquica força-o a dar lugar ao rejeitado no nível de sua alma (psique) (cf. idem, 16), tal qual um dispositivo regulador social internalizado. Isto se evidencia, segundo o autor, pelo fato de o sujeito sentir em si algo que rejeitou no outro, por exemplo, a sua agressão. Ele não se volta mais contra as pessoas rejeitadas, mas contra outras que de algum modo estão associadas a ela. Ou então, podemos ver isto sendo remetido a pessoas mais fracas. “Contudo, de uma maneira estranha e compensadora, uma instância interior oculta leva essa boa consciência ferir-se na própria arma e a fracassar” (idem, p. 17). É sabido que Hellinger sustenta uma teoria sistêmico-fenomenológica, e o faz com prioridade para o que aparece nas suas práticas de décadas com conflitos familiares e semelhantes. Mesmo não se adotando este pressuposto, podemos considerar que a reverberação da violência é algo presente hoje de forma larga, podendo-se perceber como são sentidos os próprios efeitos da violência sobre os rejeitados, sejam eles violentos ou não. Trata-se, no mais, de pensar sistemicamente e com a noção de Campo.

Podemos também nos apoiar em Nietzsche, Freud e Jung para validar a perspectiva de Hellinger, na medida em que consideramos que surge um tipo de transferência interna e de

projeção externa evidente pela questão da Sombra, nas relações e conflitos. Projetamos no outro coisas que nossa personalidade esconde. Se temos uma aguçada percepção daquilo que nos irrita e incomoda, é que temos filtros e temos *softwear* em nós para tanto. A visão é algo construído, condicionado e não neutro. Podemos estar *vendo o dentro pelo lado de fora*. As crianças, em geral, não veem sutilezas (i)morais e 'maldades' onde nós adultos vemos. O que rejeitamos em nós, e é difícil de engolir, o vemos bem no outro, sintomatiza-se na projeção, na face alheia. O outro é um bom espelho!

O espelho faz parte da necessidade de *integração*, estranha e não notável por vezes, algo de que fazemos parte, mas ao que podemos estar inconscientes se olhamos as coisas de modo individualizado e separado, sem interdependência; é aí que falta a integração sistêmica vista na noção de **campo** (o convite da sétima questão). Habitamos um campo comum, seja ele pensado fisicamente, magneticamente, energeticamente, psiquicamente.

Sobre as ligações do *campo* com a **consciência**, é fundamental unir os termos, pois é pela consciência (e energia corporal e psíquica) e suas reações que se percebe algo deste campo que antecede à razão comum. Por ela se pode tentar perceber, ou diríamos melhor, sentir, a presença ou efeitos de exclusão e de violência. Num nível bem simples, pode-se apelar para uma conhecida análise de consciência, no sentido moral e não tanto cognitivo teórico, ou seja, “ponha-se a mão na consciência”; há peso na consciência? Sua consciência dorme tranquila verdadeiramente, ou está endividada, ou inquieta demais, ou não encontra repouso, tomada pela culpa? Em geral, isto tem a ver com dimensões sistêmicas feridas ou desequilibradas. É claro que em situações como a da perda de capacidade para sentir, e daí a empatia e simpatia, perda de percepção de intersubjetividade, com narcisismo patológico e coisas do gênero, não nos cabe agora interpor.

A noção de campo é sistemicamente útil, pois nos interconecta com os outros e com a vida no sentido psíquico (também no sentido de “inconsciente coletivo”) e biológico/genético, e pode ir além do olhar reducionista e individualista que separa, por exemplo, os bons dos maus e, assim, gera uma violência justificada moralmente, inclusive pela pseudo “boa consciência”. Hellinger aponta que o custo de manter uma boa consciência excludente, que põe o negativo e sua sombra e a própria Alteridade e o mal embaixo do tapete, pode ser muito alto. Gasta-se energia demais para lutar contra a Sombra, sendo que ela de fato não está fora apenas, mas dentro, na *mente* (concebida de modo alargado) ou pelo menos na consciência familiar e coletiva do indivíduo. Neste processo desgastante, deprime-se muito do ânimo ou da energia pessoal. Durezas, asperezas, irritações, raivas, frustrações podem se apresentar comumente; um desgaste aprisionado e um esgotamento do estado de espírito pessoal relativo às interações familiares e sociais. Consideramos que há como que uma lei de natureza de caráter intersubjetivo, de coligação e equilíbrio, onde um todo maior arrasta, cedo ou tarde, a parte, mesmo que de modo não determinista. Por exemplo: o narcisismo tem um preço caro de má solidão.

Se com a ética racionalista ou kantiana somos convidados a uma boa consciência moral

pela autonomia da razão que temos e que devemos utilizar bem, mas a visão apresentada agora vai mais além, perpassando a psicanálise e o pensamento contemporâneo, levando em conta os movimentos inconscientes, sistêmicos e emocionais da consciência. Como será que nossa consciência - materializada em nossos atos, percepções, pensamentos e emoções – pode estar reproduzindo sutilmente as formas de ver e afirmar o mundo e nossas verdades e de nosso grupo, em oposição e negação à alteridade e à Sombra?

“Todo grande conflito termina em fracasso. Por que? Porque nega o que é evidente e projeta no exterior o que só pode ser resolvido na própria alma.” (idem, p. 21)

Neste contexto, como se pode pensar a PAZ? Muito já fica claro dos limites e possibilidades disso. Cabe agora, ainda seguindo algo de Hellinger, dizer que existe um impulso essencial (ao lado do que falamos da consciência ligada à vontade de sobrevivência e a de extermínio) que é a aproximação ou as relações amorosas. O homem tem sido *sapiens* e *demens*, sábio e demente, anjo e demônio, enfim, humano demasiadamente humano, diria Nietzsche. Um exemplo-chave disso é dado com o casamento, onde pessoas de grupos diferentes se unem em novos grupos, as diferenças procuram se unir - o que não deixa de ser algo complexo. Uma outra ligação é o intercâmbio entre o dar e o receber. Novamente, os grupos e pessoas não vivem sem um sistema de trocas, não apenas econômicas, mas como economia simbólica, como vida cultural e social, como relações humanas, onde aprendemos a ser, nossos limites e possibilidades, e ali nos colocamos e sentimos *sendo* sociedade, úteis, valorizados, dignificados e prestativos, bem como cuidados.

Tais disposições societárias das pessoas podem alavancar o que chamo de *tecnologias psicossociais*, formas, métodos, práticas e institucionalidades que aprendem algo do campo de ressonância sistêmica, ou da magia dos processos circulares e dos encontros, onde pode falar a voz que vige *anterior* aos conflitos. Não é tecnologia complexa e mecânica como o termo pode soar, mas algo construído ao longo dos tempos e culturas que aprendem a lidar com seus conflitos, mais ainda quando precisam sobreviver e ter “uma vida boa sob instituições justas” (ideal político-social apontado por Paul Ricoeur na obra *Si mesmo como um outro*).

Para além do *polemos* inerente à sociabilidade, que conflita por “natureza”, ou então, por “cultura”, podemos encontrar o *ágape* e a *filia*, união comum e amizade, momentos em que se tem atenção ao outro e reconhecimento, numa semelhante consideração de interesses, pois ocorre uma sabedoria construtiva para além do auto-interesse e do egocentrismo. Tal o atestam grandes filósofos, grandes religiões e a experiência cotidiana do cultivo de boas relações e as virtudes das gentes. Queremos ficar em paz. Não é necessário ser moralista, religioso ou filósofo para saber do valor do estar em paz com os outros e, portanto, consigo mesmo; consigo e, portanto, com os outros, numa via de mão dupla.

Um bom intercâmbio, um bom sistema do *dar e receber*, faz crescer a satisfação e a vontade de apoiar o outro. E faz-se ainda mais interessante quando ocorre que, quem muito dá, no nível das virtudes em geral, muito pode receber, até pelo próprio fato de que a doação é

realizadora, desde que não esteja em teias neuróticas e de carências ocultas marcantes, mas no nível da *gratidão* e doação de si. O que sabemos em geral é que um bom doador – doador de atenção, de respeito, dignidade, consideração, apoio, presença de espírito, solicitude – é alguém que geralmente colhe bons frutos disso, e passa a ser uma pessoa agradável, que traz conforto e alegria; e nesta via, a tendência é que tal pessoa seja mais apoiada quando necessite, seja cuidada e também reconhecida como pessoa canalizadora de sociabilidade e pacificação em uma comunidade.

Por conseguinte, voltando a Hellinger, chegamos ao tema da **paz interior**. A ênfase é que o conflito está enredado interiormente e exteriormente; muitas vezes, ele já existe de modo latente, formatado no próprio histórico do grupo ou pessoa, ou pelo seu “carma” (ação e reação continuada e condicionada); ele já é cultivado junto às emoções negativas e pensamentos sombrios não bem percebidos e até reprimidos da consciência do indivíduo, ou então auto-justificados. Mas quando aparece a oportunidade, quando o ambiente o pressiona, projeta-se e lança-se para fora, em momentos de ação negativa, como a raivosa, visivelmente, ou como sintoma sutil de dores não cuidadas. A psicologia budista tibetana ensina que devemos incessantemente olhar a *intenção* ou o surgimento de uma disposição humana e emocional presente, cultivando a lucidez, estando presente ao que ocorre dentro e fora. Por exemplo, no nível *grosseiro* primeiramente, onde é clara a ação errônea ou a geração de prejuízos e tentar transformá-lo; segue-se a verificação do nível *oculto*, como o faz a psicanálise, por exemplo, para ver camadas reprimidas, necessidades e frustrações ocultas, traumas presentes; e, indo ainda mais adiante, auscultar profundamente sobre o nível *sutil*, onde se exige muita escuta, paciência, cultivo de virtudes, meditação, esforço corporal e mental, e também muita flexibilidade e senso de humor relativizante em relação ao ego – visto o peso que carregamos e projetamos a partir do eu e suas auto-defesas (vergonha, auto-comiserações, culpabilidades, mágoas etc).

O ponto a que chegamos da construção da paz interior é muito rico e amplo a explorar, pois há hoje várias práticas do cuidado de si e da vivência de virtudes e até de espiritualidade que podem ser úteis para pensar o equilíbrio ou a boa condução de constelações sociais⁸. Trata-se de usar meios mais arrojados e eficazes, quebrando preconceitos, para superar os mecanismos de violências que se encarnaram não apenas nas ruas, mas em nossas instituições sociais, no *modus* de ser, corpo e mente.

Nesta visão, os *bons* e o *establishment* precisam dar-se conta urgentemente do seu lado perigoso e mau, dentro mesmo de sua boa consciência; enfrentar, como diz Hellinger, o sentimento de culpa e a má consciência; e dar contas de suas dívidas sociais, diríamos. A tomada de consciência mais profunda pode levar a conceder um lugar aos que foram por eles rejeitados, exclusão que se faz de muitos modos (ex.: exploração econômica é uma grande *causa mortis* de

⁸ Um exemplo é o trabalho que iniciamos numa parceria entre o EDR-UFPE e a Secretaria de Ressocialização de Pernambuco, onde usamos tecnologias psicossociais em presídio (PJALLB), tais como meditação, círculos de diálogo, contação de histórias, música, além de exercícios de bioenergética e constelações familiares. Veja em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretoretdacao/2016/01/29/um-filosofo-em-missao-junto-aos-presos/>

incontáveis pessoas). Assim, pode-se perceber os padrões pelos quais atuamos, a indiferença para com o apelo da alteridade no rosto chocante do excluído – diria E. Levinas e E. Dussel, e a necessidade de acolhimento e cuidado para o plano humano em geral.

Por conseguinte, como **promover paz** neste contexto? Nossa última questão é a parte mais prática, e exige certamente pensar em métodos, pois precisamos casar a *intenção*, a motivação, com os meios hábeis para realizar transformações, até porque nada permanece muito tempo igual. O primeiro ponto que fica claro é a dimensão sistêmica e de complexidade do tema *conflito e paz*, quando uma parte se liga à outra, e podemos ver isto quando analisamos a fundo um pequeno ato nosso de violência e chegamos a outras raízes, por exemplo, de necessidades nossas não satisfeitas, perdas, não aceitação, negação da vida etc.. Elencamos algumas dimensões envolvidas por ora, dentro desta paz interior que se liga com as ações exteriores: tomar consciência de como vemos o mundo, que padrão de olhar e de relação estabelecemos com a vida, estamos enredados em quais emoções? Medo, carência, tristeza, alegria, desejos, satisfação? Um esforço teórico e prático, corporal vital e psicológico é exigido neste momento, pois a cegueira pode ser sutil e habitar uma pseudo normalidade que tem orientado sutilmente nossos passos. Trata-se de saber ver em profundidade, saber ouvir, sentir, parar e perceber o que está ocorrendo em cada situação. Desacelerar para perceber a paisagem, ou seja, que paisagem construímos a cada momento e lugar, ou que repetimos, e como podemos mudar tal paisagem mental (consciência), e assim o aspecto social aí integrado. Trata-se de expor-se ao grupo, ao outro, aprender no coletivo, na mente-corpo estendida. Uma abertura de consciência está em jogo, não por mero interesse teórico ou formal, mas por necessidade de barrar a violência branca ocultada sob os mantos do sistema das coisas normatizadas – a exemplo do mercado e suas exclusões.

Para Hellinger, a paz começa onde termina a vontade de extermínio, momento em que o indivíduo reconhece que não podemos separar entre bons e ruins; todos estamos enredados, como a teia ecológica em suas várias expressões; multitude de uma unidade dinâmica, equilíbrio pulsante, pois a vida é movimento e, portanto, conflito e suas resoluções. O caminho para a paz é preparado por um *coração aberto*, leve, acolhedor, “o grande amor que está além do bem e do mal, além dos grandes conflitos” (idem, p. 23). *Além do certo e do errado, existe um lugar; somente ali nos encontraremos* (Rumi)

Por fim

Em poucas palavras, na dimensão da justiça, trata-se de tomar consciência e caminhar a favor da inteligência coletiva sensível, interdependente, criativa, sistêmica, que aposta na afirmação da vida, que em meio à lama vê a possibilidade de brotar as flores. Em meio aos apagamentos e exclusões de rostos humanos e seres vivos, em meio ao simulacro, descaso e descrédito nos modelos políticos no capitalismo, as Práticas Restaurativas e sistêmicas são uma

luz entre outras a iluminar os tempos sombrios. A visão sistêmica, seja conectada a Processos Circulares, seja nas Constelações Familiares e Sistêmicas, mostra a cada dia mais sua importância e eficácia para reconectar os laços humanos rompidos, lidar com as dores e rupturas que dilaceraram o tecido social. Aqui se configura o novo sentido de justiça, atravessada pela paz ativa, pela compreensão e pelos destinos comuns dos sujeitos, vistos agora dentro de um todo que os abarca e muitas vezes os condiciona. Estar de acordo com as ordens do bem comum deste todo social, respeitando profundamente o lugar, a pertença, e o que cada um pode/deve dar e receber, é tarefa sistêmica, terapêutica e restaurativa urgente. Tanto a Justiça Restaurativa quanto as outras visões sistêmicas crescem neste contexto justamente devido às necessidades do nosso tempo pós-moderno, em direção ao novo paradigma de interconexão dos sujeitos neste jogo aberto e tenso da vida. E se desenvolvem pelo combustível da *intenção* ou *energia* que atravessa a vontade e força do humano e seu *pathos* (sentir, sofrer...), paixão de ser, ou *compaixão*.

Bibliografia

- BERTALANFFY, Ludwig von. *Teoria geral dos sistemas*. RJ: Vozes, 2012.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Introducción a la Teoría General de la Administración*. 5º Edición, México, D. F., 1999.
- FREUD, S. *O mal estar na cultura*. RJ: Imago (obras completas), 2009.
- GADAMER, H-G. "Sobre a incapacidade para o diálogo". In: GADAMER, H.G. *Verdade e método II*. RJ: Vozes, 2002.
- HELLINGER, Bert. *Conflito e paz – uma resposta*. SP: Cultrix, 2007.
- _____. *O amor do espírito na Hellinger Scientia*. SP: Atman, 2011.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. RJ: Nova Fronteira, 1964.
- _____. *Civilização em transição*. RJ: Vozes, 1993.
- KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 7 Ed., 2003
- LUHMANN, Niklas. *El arte de la sociedad*. Trad. de Javier Torres Nafarrate. México: Herder, 2005.
- OLDONI, E.L.; OLDONI, F.; LIPPMANN, M.S. *Justiça Restaurativa sistêmica*. SC: Manuscrito Editora: 2018.
- PELLIZZOLI, Marcelo L. *Cultura de Paz Restaurativa - da Sombra social às inteligências sistêmicas dos conflitos*. In: *Justiça Restaurativa: caminhos da pacificação social*. Pelizzoli, M.L. (Org.). Caxias do Sul: Ed. da UCS, 2016.
- _____. (org.) *Cultura de Paz – restauração e direitos*. Recife: Ed. da UFPE, 2010.
- _____. (org.) *Cultura de paz: alteridade em jogo*. Recife: Ed. da UFPE, 2009.
- _____. "Círculos de Diálogo: Base restaurativa para a Justiça e os Direitos Humanos". In: *Direitos humanos e políticas públicas*. Silva, Eduardo F., Gediell, José A. P., Trauczynski, Silvia C. Curitiba: Universidade Positivo, 2014. 432 p.
- _____. "O sujeito: paixão e pathos". In: SOUZA, R.T. (Org.) *Éticas em diálogo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, (p. 337-364)
- _____. *Ética e meio ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PRANIS, K. & BOYES-WATSON, C. *No coração da esperança. Guia de práticas restaurativas*. Porto Alegre: TJE-RS/AJURIS, 2011. (ver em pdf)
- PRANIS, Kay. *Processos circulares*. SP: Palas Athena, 2012.
- SHELDRAKE, Ruppert. *Seven experiments that could change the world*. Londres: Fourth Estate, 1994.

ZEHR, H. *Trocando as lentes: novo foco sobre crime e justiça*. São Paulo: Palas Athena, 2008.
www.ufpe.br/edr